

Empresas têxteis preparam-se para modernizar-se

206

por Fátima Fernandes
de São Paulo

O cenário que a indústria têxtil vislumbra para a década de 90 exige que ela esteja atenta no mínimo a três pontos: modernização das suas máquinas, agilidade administrativa e acompanhamento bem próximo do mercado internacional. Os fabricantes de produtos têxteis — desde fios até confecções — estão convencidos de que se não perseguirem esses três itens estarão, sem dúvida, fora da concorrência internacional.

"Os equipamentos têm que acompanhar a evolução tecnológica do mundo. As indústrias têm que estar informatizadas para ter velocidade e precisão na obtenção de dados e assim poder tomar decisões rápidas.

Têm também que saber o que está atraindo o consumidor não só no Brasil mas também no mundo", afirma Jacks Rabinovich, diretor do grupo Vicunha, que atua na produção de fibras, fios, tecidos e confecções.

A Vicunha, diz ele, está disposta a trabalhar para fazer frente a esse novo mercado que se abre no País — agora com a participação das indústrias de fora. Para os anos 90, por exemplo, a empresa pretende trocar 80% dos equipamentos das unidades que fazem tecidos, que têm idade que varia de 5 a 20 anos e

representam 65% da produção do grupo.

A Santista Têxtil, que produz índigos, casimiras, tecidos "sport-wear", fios para tricô, crochê e malharia, além de roupas profissionais e para cama e banho, também está atenta a todos esses pontos. A empresa vê na década de 90 um mercado promissor para os tecidos da linha "sportwear" — por exemplo, popelinas e sarjas.

Em razão disso, programa investir já neste início de nova década em máquinas mais modernas, especialmente naquelas que fazem o acabamento dos tecidos. Hoje, do faturamento da divisão vestuário — índigos, linha "sport-wear" e roupas profissionais —, os índigos detêm a maior fatia, 40%. Os outros dois itens participam com 30% cada. "Queremos entrar mais nesse mercado de 'sportwear' porque sentimos que no exterior ele está-se desenvolvendo muito", diz Herbert Schmid, diretor-geral da Santista Têxtil.

Roberto Chadad, presidente da Associação Brasileira da Indústria do Vestuário (Abravest), diz que, na verdade, no Brasil, nenhum elo da cadeia têxtil — desde algodão em pluma até as tecelagens — consegue atender à demanda das 13.830 confecções instaladas no País. "Isso atrapalhou muito o desenvolvimento das confecções", afirma.